



PENGUIN



CLÁSICOS

KATE CHOPIN

O DESPERTAR

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	
Uma apresentação da rebeldia	vii
O DESPERTAR	1
I	3
II	7
III	10
IV	14
V	18
VI	22
VII	24
VIII	32
IX	37
X	43
XI	49
XII	52
XIII	57
XIV	63
XV	66
XVI	73
XVII	79
XVIII	85
XIX	90
XX	93
XXI	98

XXII	103
XXIII	107
XXIV	112
XXV	116
XXVI	123
XXVII	130
XXVIII	133
XXIX	134
XXX	137
XXXI	144
XXXII	147
XXXIII	150
XXXIV	158
XXXV	162
XXXVI	165
XXXVII	171
XXXVIII	174
XXXIX	177

NOTAS DE TRADUÇÃO	183
-------------------	-----

I

Um papagaio verde e amarelo, numa gaiola pendurada do lado de fora da porta, não parava de repetir:

— *Allez vous-en! Allez vous-en! Sapristi!*¹ Não faz mal!

Também falava um pouco de espanhol, e ainda uma língua que ninguém percebia; a não ser que fosse o tordo-imitador que, pendurado do outro lado da porta, assobiava à brisa as suas notas aflautadas com uma persistência insuportável.

O Sr. Pontellier, incapaz de ler o seu jornal com um mínimo de conforto, assomou com um ar e uma exclamação de indignação. Percorreu a galeria e atravessou as «pontes» estreitas que ligavam entre si os chalés dos Lebruns. Tinha estado sentado à porta da casa principal. O papagaio e o tordo-imitador pertenciam a Madame Lebrun e tinham o direito de fazer todo o barulho que quisessem. O Sr. Pontellier tinha o privilégio de abandonar a sua companhia quando eles deixassem de lhe ser agradáveis.

Parou diante da porta do seu chalé, que era o quarto a contar do edifício principal e ficava ao lado do último. Sentando-se numa cadeira de baloiço em vime que ali estava, aplicou-se de novo à tarefa de ler o jornal. Era domingo; o jornal era da véspera. Os jornais de domingo ainda não tinham chegado a Grand Isle. Ele já tinha lido as cotações dos mercados e passeava o olhar inquieto pelos editoriais e as notícias breves que não tinha tido tempo de ler antes de abandonar Nova Orleães, no dia anterior.

O Sr. Pontellier usava óculos. Era um homem de quarenta anos, de estatura média e compleição algo débil, andava um pouco curvado. Usava o cabelo castanho e liso, com o risco ao lado. A barba estava bem cuidada e aparada.

De vez em quando, desviava a atenção do jornal e olhava em volta. Havia mais barulho do que nunca na casa. O edifício principal era conhecido por «a casa», para o distinguir dos chalés. A tagarelice e os assobios das aves continuavam. Duas meninas, as gémeas Farival, estavam ao piano a tocar um dueto da *Zampa*. Madame Lebrun andava numa azáfama, dentro e fora, dando ordens em voz aguda a um jardineiro sempre que entrava na casa, e instruções numa voz igualmente alta a um criado da sala de jantar sempre que vinha para o exterior. Era uma mulher fresca e bonita, sempre vestida de branco, com mangas até ao cotovelo. As suas saias cheias de goma enrugavam-se à medida que ela ia e vinha. Mais abaixo, frente a um dos chalés, uma senhora vestida de preto passeava recatadamente de um lado para o outro enquanto desfiava as contas de um rosário. Uma boa parte dos residentes da *pension* tinha ido ao lugre de Beaudalet assistir à missa em Chênrière Caminada². Alguns dos jovens estavam debaixo dos carvalhos-aquáticos a jogar *croquet*. Os dois filhos do Sr. Pontellier estavam lá — dois rapazinhos robustos de quatro e cinco anos. Uma ama *quadroon*³ vigiava-os de perto, com ar distante e pensativo.

O Sr. Pontellier acendeu finalmente um charuto e começou a fumar, deixando o jornal pender-lhe ociosamente das mãos. Fixou o olhar num guarda-sol branco que vinha avançando da praia a passo de caracol. Via-o nitidamente por entre os troncos finos dos carvalhos-aquáticos, por sobre o prado de camomila amarela. O golfo avistava-se mais ao longe, fundindo-se nebulosamente no azul do horizonte. O guarda-sol continuou a aproximar-se com lentidão. Sob o seu abrigo, forrado a cor-de-rosa, estavam a sua mulher, a Sra. Pontellier, e o jovem Robert Lebrun. Quando chegaram ao chalé, os dois sentaram-se com ar algo fatigado

no degrau superior do alpendre, de frente um para o outro, cada qual encostado a uma coluna do corrimão.

— Que loucura! Tomar banho a esta hora e com este calor! — exclamou o Sr. Pontellier. Ele próprio tinha dado um mergulho ao amanhecer. Era por isso que a manhã lhe parecia longa.

— Estás irreconhecível de tão queimada — acrescentou, olhando para a mulher como se olha para uma peça valiosa de propriedade pessoal que foi danificada.

Ela levantou as mãos, mãos fortes, esculturais, e examinou-as criticamente, arregaçando as mangas cor de areia acima dos pulsos. Ao olhar para elas, lembrou-se dos anéis que tinha dado ao marido antes de ir para a praia. Estendeu-lhe a mão em silêncio, e ele, compreendendo, tirou os anéis do bolso do colete e deixou-lhos cair na palma aberta. Ela enfiou-os nos dedos; em seguida, apertando os joelhos, olhou para Robert e começou a rir. Os anéis brilhavam-lhe nos dedos. Ele respondeu-lhe com um sorriso.

— O que foi? — perguntou Pontellier, lançando um olhar ocioso e divertido de um para o outro. Fora um perfeito disparate; uma peripécia na água, e ambos tentaram contá-la ao mesmo tempo. Contada, não tinha metade da graça. Eles aperceberam-se disso, tal como o Sr. Pontellier. Bocejou e espreguiçou-se. Depois levantou-se, dizendo que estava tentado a ir ao Hotel Klein jogar uma partida de bilhar.

— Venha daí, Lebrun — propôs ele a Robert. Mas este admitiu com franqueza que preferia ficar onde estava e conversar com a Sra. Pontellier.

— Bem, manda-o ir à vida dele se te aborrecer, Edna — instruiu o marido, enquanto se preparava para sair.

— Toma, leva o guarda-sol — exclamou ela, estendendo-lho. Ele aceitou-o e, segurando-o sobre a cabeça, desceu os degraus e afastou-se.

— Voltas para jantar? — perguntou-lhe ainda a mulher. Ele parou um momento e encolheu os ombros. Apalpou o bolso do colete; tinha lá uma nota de dez dólares. Não sabia; talvez voltasse

a tempo de jantar cedo, e talvez não. Tudo dependia da companhia que encontrasse no Klein e do tamanho do «jogo». Ele não disse isto, mas ela compreendeu-o e riu, acenando-lhe um adeus.

Ambos os filhos queriam ir com o pai quando o viram afastar-se. Ele beijou-os e prometeu trazer-lhes bombons e amendoins.

II

Os olhos da Sra. Pontellier eram vivos e brilhantes, de um tom castanho-amarelado próximo da cor do seu cabelo. Tinha um modo muito próprio de os desviar rapidamente para um objeto e fixá-los aí, como se ficasse perdida num qualquer labirinto interior de contemplação ou pensamentos.

As sobrancelhas eram mais escuras do que o cabelo. Espessas e quase horizontais, enfatizando a profundidade do olhar. Era mais atraente do que propriamente bela. Tinha um rosto cativante devido a uma certa franqueza na expressão e a um jogo subtil e contraditório de características. O seu modo de ser era envolvente.

Robert enrolou um cigarro. Fumava cigarros porque não podia comprar charutos, disse ele. Tinha um charuto no bolso, que o Sr. Pontellier lhe oferecera, e estava a guardá-lo para fumar a seguir ao jantar.

Vindo dele, isto parecia muito certo e natural. As suas tonalidades não eram muito diferentes das da sua companheira. Um rosto limpo e barbeado tornava a semelhança mais pronunciada do que de outra forma teria sido. Não havia sombra de cuidado no seu semblante aberto. Os olhos acolhiam e refletiam a luz e o langor daquele dia de verão.

A Sra. Pontellier esticou-se para alcançar um leque de folha de palmeira que estava no alpendre e começou a abanar-se, enquanto Robert soprava pequenas nuvens de fumo do cigarro por entre os lábios. Tagarelavam sem parar: sobre as coisas que os rodeavam;

a sua divertida aventura na água — que voltara a ter graça —, sobre o vento, as árvores, as pessoas que tinham ido a Chênrière; sobre as crianças que jogavam *croquet* sob os carvalhos e as gêmeas Farival, que estavam agora a tocar a abertura de *O Poeta e o Camponês*. Robert falava bastante sobre si próprio. Era muito jovem, e portanto não conhecia melhor assunto. A Sra. Pontellier também falava um pouco sobre si, pela mesma razão. Cada um estava interessado no que o outro dizia. Robert falou da sua intenção de ir para o México no outono, onde a riqueza o aguardava. Estava sempre com a intenção de ir para o México, mas acabava por nunca chegar a ir. Entretanto, tinha um emprego modesto numa casa comercial em Nova Orleães, onde um domínio por igual do inglês, do francês e do espanhol lhe garantia um pequeno ordenado como escriturário e correspondente.

Estava a passar as suas férias de verão, como sempre, com a mãe em Grand Isle. Em tempos passados, de que Robert não podia guardar memória, «a casa» tinha sido um luxo de verão dos Lebruns. Agora, ladeada pela sua dúzia ou mais de chalés, sempre ocupados com hóspedes exclusivos do «Quartier Français», a casa permitia a Madame Lebrun manter uma existência fácil e confortável que parecia ser sua por direito de nascença.

A Sra. Pontellier falou sobre a plantação do seu pai no Mississípi e a sua casa de infância no Kentucky, no velho território da erva azul⁴. Era uma mulher americana com uma pequena infusão francesa, que parecia ter-se diluído por completo. Leu uma carta da irmã, que estava longe, na costa leste, e comprometida para se casar. Robert ficou interessado, e queria saber que tipo de meninas eram as irmãs, como era o pai e há quanto tempo a mãe tinha morrido.

Quando a Sra. Pontellier dobrou a carta, eram horas de se ir vestir para jantar cedo.

— Vejo que o Léonce não vai voltar — disse ela, com um olhar na direção onde o marido desaparecera. Robert também supôs que não, porque havia muitos membros dos clubes de Nova Orleães alojados no Klein.

Quando a Sra. Pontellier o deixou para ir para o seu quarto, o jovem desceu os degraus e foi-se dirigindo para junto dos jogadores de *croquet*, onde, durante a meia hora que faltava até ao jantar, se divertiu com os pequenos Pontelliers, que lhe eram muito afeiçoados.

III

Era onze horas, nessa noite, quando o Sr. Pontellier voltou do Hotel Klein. Vinha de excelente humor, muito animado e falador. A sua chegada acordou a mulher, que estava na cama e dormia profundamente quando ele entrou. Ia falando com ela conforme se despia, contando-lhe histórias e pedaços de notícias e mexericos que tinha reunido durante o dia. Dos bolsos das calças, tirou um punhado de notas de banco amarrotadas e uma boa quantidade de moedas de prata, que empilhou indiscriminadamente na secretária, com chaves, canivete, lenço e tudo o que calhava ter nos bolsos. Ela estava meio adormecida e respondia-lhe com escassos monossílabos.

Ele pensou que era muito desencorajador que a sua mulher, que era o único objeto da sua existência, evidenciasse tão pouco interesse por coisas que lhe diziam respeito, e valorizasse tão pouco a sua conversa.

O Sr. Pontellier tinha-se esquecido dos bombons e dos amendoins para os rapazes. Apesar disso, amava-os muito, e entrou no quarto adjacente, onde eles dormiam, para ir vê-los e certificar-se de que estavam tapados e confortáveis. O resultado da sua inspeção não foi nada satisfatório. Virou-os e endireitou-os na cama. Um deles começou a dar pontapés e a falar de um cesto cheio de caranguejos.

O Sr. Pontellier voltou para ao pé da mulher com a informação de que Raoul tinha febre alta e precisava de cuidados. Dito isto,

acendeu um charuto e foi sentar-se junto da porta aberta para o fumar.

A Sra. Pontellier tinha a certeza de que Raoul não tinha febre. Quando foi para a cama estava perfeitamente bem, disse ela, e não tinha expressado quaisquer queixas o dia todo. O Sr. Pontellier conhecia muito bem os sintomas de febre para ser enganado. Assegurou-lhe que a criança estava a arder naquele momento, no quarto ao lado.

Repreendeu a mulher pela sua desatenção, a sua negligência habitual com as crianças. Se cuidar das crianças não era o papel de uma mãe, de quem mais poderia ser? Ele não tinha mãos a medir com o seu negócio de corretagem. Não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo: na rua, a ganhar o sustento da família, e em casa, a cuidar de que nenhum mal lhes acontecesse. Falava num tom monocórdico e insistente.

A Sra. Pontellier saltou da cama e foi ao quarto adjacente. Regressou quase de imediato e sentou-se na beira da cama, inclinando a cabeça sobre a almofada. Não disse nada, e recusou-se a responder ao marido quando este a interrogou. Depois de acabar de fumar o charuto, ele foi para a cama, e em meio minuto estava a dormir.

A Sra. Pontellier estava então completamente acordada. Começou a chorar um pouco e enxugou os olhos à manga do *peignoir*. Soprando a vela, que o marido tinha deixado acesa, enfiou os pés descalços num par de *mules* de cetim que estavam aos pés da cama e saiu para o alpendre, onde se sentou na cadeira de vime e começou a baloiçar suavemente para a frente e para trás.

Já passava da meia-noite. Os chalés estavam todos às escuras. Apenas uma luz mortiça brilhava no vestíbulo da casa. Não se ouvia qualquer som, à exceção do piar de uma coruja velha no topo de um carvalho-aquático e da voz eterna do mar, que não estava encapelado àquela hora tranquila. As ondas quebravam como uma triste canção a embalar a noite.

As lágrimas assomavam com tal rapidez aos olhos da Sra. Pontellier que a manga húmida do seu *peignoir* já não era suficiente para as enxugar. Segurava o encosto da cadeira com uma mão; a manga larga tinha-lhe escorregado quase até ao ombro do braço erguido. Voltando-se, enterrou o rosto, escaldante e molhado, na curva do braço e continuou a chorar sem se preocupar mais em enxugar a cara, os olhos, os braços. Não sabia dizer porque estava a chorar. Cenas como esta não eram incomuns na sua vida de casada. Mas pareciam nunca ter tido muito peso face à habitual gentileza do marido e à sua dedicação permanente, que se tornara tácita e implícita.

Uma opressão indescritível, que parecia surgir de uma parte desconhecida da sua consciência, encheu todo o seu ser de uma angústia indefinida. Era como uma sombra, como uma névoa passando pelo dia de verão da sua alma. Era estranha e desconhecida; era um estado de espírito. Ela não se sentou ali para censurar intimamente o marido, ou queixar-se do Destino, que dirigira os seus passos para o caminho que haviam tomado. Estava só a chorar para si mesma. Os mosquitos faziam uma festa em volta dela, picando-lhe os braços firmes e redondos e beliscando-lhe o peito dos pés nus.

Os diabinhos zumbidores conseguiram, com as suas ferroadas, dissipar um humor que poderia tê-la mantido ali na escuridão por mais metade da noite.

Na manhã seguinte, o Sr. Pontellier levantou-se com tempo suficiente para tomar o fiacre que o devia levar ao cais para apanhar o vapor. Regressava à cidade, para os seus negócios, e só o voltariam a ver na ilha no sábado seguinte. Ele tinha recuperado a compostura, que parecia ter sido algo prejudicada na noite anterior. Estava desejoso de se ir embora porque ansiava por uma semana animada em Carondelet Street.

O Sr. Pontellier deu à mulher metade do dinheiro que tinha trazido do Hotel Klein na noite anterior. Ela gostava tanto de dinheiro como a maioria das mulheres, e aceitou-o com não pouca satisfação.

— Vai servir para comprar um presente de casamento bonito para a minha irmã Janet! — exclamou, alisando as notas enquanto as contava, uma a uma.

— Oh! Vamos tratar a mana Janet melhor do que isso, minha querida — riu-se ele, enquanto se preparava para lhe dar um beijo de despedida.

Os meninos andavam à volta dele, agarrando-se-lhe às pernas, implorando que lhes trouxesse inúmeras coisas quando voltasse. Toda a gente gostava do Sr. Pontellier, e senhoras, homens, crianças, até amas, estavam sempre a postos para lhe dizerem adeus. A sua mulher ficou a sorrir e a acenar, os rapazes a gritar, enquanto ele desaparecia no velho fiacre pela estrada arenosa.

Alguns dias depois, chegou, de Nova Orleães, uma caixa para a Sra. Pontellier. Era do marido. Vinha cheia de iguarias, com coisas luxuosas e apetitosas — as melhores frutas, patés, uma garrafa ou duas de vinhos raros, xaropes deliciosos e bombons em abundância.

A Sra. Pontellier era sempre muito generosa com o conteúdo de tal caixa; estava bastante habituada a recebê-las quando se encontrava longe de casa. Os patés e a fruta eram levados para a sala de jantar; os bombons, partilhados entre todos. E as senhoras, escolhendo com dedos delicados e exigentes, e com um bocadinho de ganância, declaravam todas que o Sr. Pontellier era o melhor marido do mundo. A Sra. Pontellier era forçada a admitir que não conhecia nenhum melhor.

IV

Teria sido difícil ao Sr. Pontellier definir de forma satisfatória, para si próprio ou para qualquer outra pessoa, onde falhava a sua mulher no dever para com as crianças. Era algo que ele sentia, mais do que percebia, e nunca deu voz a esse sentimento sem depois se arrepender e expiar amplamente a falta.

Se um dos rapazinhos Pontellier desse um trambolhão enquanto brincava, não era capaz de correr, a chorar, em busca de consolo nos braços da mãe; o mais provável era levantar-se, limpar as lágrimas dos olhos e a areia da boca e continuar a brincar. Eram praticamente bebês, mas juntavam-se e enfrentavam as suas batalhas infantis com punhos cerrados e gritos que geralmente prevaleciam sobre os outros meninos. A ama *quadroon* era vista como um grande estorvo, útil apenas para abotoar calças e cuecas e para pentear e fazer o risco no cabelo, uma vez que parecia ser uma lei da sociedade que o cabelo devia estar penteado e de risco feito.

Em suma, a Sra. Pontellier não era uma mulher-mãe. As mulheres-mãe pareciam estar em maioria naquele verão em Grand Isle. Era fácil reconhecê-las, a esvoaçar com as suas asas desfraldadas e protetoras quando algum perigo, real ou imaginário, ameaçava a sua preciosa prole. Eram mulheres que idolatravam os filhos, adoravam os maridos e consideravam um privilégio sagrado apagam-se como indivíduos e deixarem crescer asas, quais anjos de serviço.

Muitas delas eram deliciosas a desempenhar esse papel; uma delas era a personificação de todas as graças e encantos femininos. Se o marido não a adorasse seria um bruto, merecedor de uma morte por tortura lenta e dolorosa. Chamava-se Adèle Ratignolle. Não há palavras para a descrever, a não ser aquelas antigas que têm servido tantas vezes para imaginar a heroína dos romances de outrora e a bela dama dos nossos sonhos. Não havia nada sutil ou oculto nos seus encantos; a beleza estava toda à vista, flamejante e evidente: os fios de ouro do cabelo, que pente nem travessão algum poderiam conter; os olhos azuis que só se podiam comparar a safiras; dois lábios que faziam beicinho, tão vermelhos que, ao olhar para eles, só podíamos pensar em cerejas ou em algum outro delicioso fruto carmesim. Estava a ficar um pouco forte, mas isso não parecia retirar nem um pingo de graça a cada um dos seus passos, poses, gestos. Ninguém desejaria que o seu pescoço branco fosse um tudo-nada menos cheio ou os seus belos braços mais finos. Nunca houve mãos mais requintadas do que as dela, e era uma alegria observá-las quando enfiava a agulha ou ajustava o dedal de ouro no dedo médio para costurar uns culotezinhos de noite ou afeiçoava um corpete ou um babete.

Madame Ratignolle nutria grande estima pela Sra. Pontellier, e vinha muitas vezes com a sua costura sentar-se junto dela, à tarde. Estava ali sentada na tarde do dia em que a caixa chegou de Nova Orleães. Ocupara a cadeira de baloiço e estava muito concentrada a costurar um par de culotezinhos minúsculos.

Tinha trazido o molde dos culotes para a Sra. Pontellier cortar uns iguais — eram uma maravilha de construção, moldada para envolver tão bem o corpo de um bebé que apenas dois pequenos orifícios conseguiam espreitar para fora da peça de roupa, como a de um esquimó. Estavam concebidos para serem usados no inverno, quando as correntes de ar traiçoeiras desciam pelas chaminés e golpes de frio insidiosos conseguiam encontrar o caminho pelos buracos das fechaduras.

A cabeça da Sra. Pontellier estava descansadíssima relativamente às presentes necessidades materiais dos seus filhos, e não conseguia ver o propósito de as antecipar, fazendo das roupas de dormir no inverno o tema das suas preocupações de verão. Mas não queria parecer pouco amistosa e desinteressada, por isso tinha trazido jornais, que espalhou no chão da galeria, e, seguindo as instruções de Madame Ratignolle, copiara o molde da impenetrável peça de vestuário.

Robert também ali estava, sentado como no domingo anterior, e a Sra. Pontellier ocupou a sua anterior posição no degrau superior, encostando-se apaticamente ao pilar. Ao lado dela tinha uma caixa de bombons, que ela oferecia a intervalos a Madame Ratignolle.

A senhora parecia em apuros para escolher um, mas finalmente decidiu-se por um palito de *nougat*, perguntando-se se não seria demasiado forte, se não lhe faria mal. Madame Ratignolle estava casada havia sete anos. Aproximadamente de dois em dois anos tinha um bebé. Naquela altura tinha três bebés e começava a pensar num quarto. Estava sempre a falar da sua «condição». A sua «condição» não era aparente, e ninguém teria sabido dela se não fosse a sua persistência em torná-la tema da conversa.

Robert começou a tranquilizá-la, afirmando que conhecera uma senhora que tinha subsistido de *nougat* durante toda a... mas, vendo o rosto da Sra. Pontellier começar a ruborizar, caiu em si e mudou de assunto.

Embora tivesse casado com um crioulo⁵, a Sra. Pontellier não se sentia muito à vontade na companhia de crioulos, e nunca tinha estado tão intimamente entre eles. Naquele verão só havia crioulos na pensão Lebrun. Todos se conheciam, e sentiam-se como uma grande família, no seio da qual existiam as relações mais amigáveis. Uma característica que os distinguia e que impressionou muito a Sra. Pontellier era a sua completa ausência de pudor. A sua liberdade de expressão era de início incompreensível para ela, embora não tivesse dificuldade em conciliá-la com uma elevada noção de pureza que na mulher crioula parece inata e inequívoca.

Nunca Edna Pontellier esqueceria o choque com que ouviu Madame Ratignolle contar ao velho Monsieur Farival a história horrível de um dos seus *accouchements*⁶, sem omitir nenhum detalhe íntimo. Estava a acostumar-se a gostar de choques, mas não conseguia evitar que o rubor lhe invadisse as faces. Este rubor tinha interrompido em mais do que uma ocasião a história cómica com a qual Robert entretinha algum grupo divertido de mulheres casadas.

Havia um livro que tinha sido passado de mão em mão entre os hóspedes da pensão. Quando chegou a sua vez de o ler, fê-lo com profundo espanto. Sentiu-se compelida a lê-lo em segredo e em privado, embora nenhum dos outros o tivesse feito, a escondê-lo quando ouvia o som de passos a aproximarem-se. O livro foi abertamente criticado e livremente discutido à mesa. A Sra. Pontellier desistiu de se espantar, e concluiu que os motivos de espanto nunca acabariam.

V

Formavam um grupo simpático, ali sentados naquela tarde de verão... Madame Ratignolle a costurar, parando muitas vezes para contar uma história ou um episódio com gestos bastante expressivos das suas mãos perfeitas; Robert e a Sra. Pontellier ociosamente sentados, trocando palavras, olhares ou sorrisos ocasionais que indicavam um nível avançado de intimidade e *camaraderie*.

Ele tinha sido a sombra dela durante todo o mês anterior. Ninguém achou nada demais. Muitos previram, logo que ele chegou, que Robert ia dedicar-se à Sra. Pontellier. Desde os quinze anos, ou seja, desde há onze anos, que, em cada verão em Grand Isle, Robert se constituía em servidor dedicado de uma bela dama ou donzela. Por vezes era uma menina, outras uma viúva, mas muitas vezes era uma mulher casada interessante.

Viveu ao sol da presença de Mademoiselle Duvigne por duas estações consecutivas. Mas ela morreu entre verões, e então Robert fez o papel do inconsolável, prostrando-se aos pés de Madame Ratignolle para receber quaisquer migalhas de simpatia e conforto que ela lhe quisesse proporcionar.

A Sra. Pontellier gostava de se sentar e olhar para a sua bela companheira como poderia ficar a olhar para uma Madona perfeita.

— Poderá alguém adivinhar a crueldade que se esconde sob esta bela aparência? — murmurou Robert. — Ela sabia que eu já a adorava, e deixou-me adorá-la. Era «Robert, venha cá; vá-se embora; levante-se; sente-se; faça isto; faça aquilo; veja se o bebé

está a dormir; o meu dedal, por favor, que eu deixei sabe Deus onde. Venha ler-me Daudet enquanto eu coso.»

— *Par exemple!* Nunca tive de pedir. O senhor andava sempre debaixo dos meus pés, como um gato incomodativo.

— Quer dizer como um cão adorável. E assim que o Ratignolle apareceu em cena, então foi *mesmo* como um cão. *Passez! Adieu! Allez vous-en!*⁷

— Talvez eu tivesse medo de que o Alphonse ficasse com ciúmes — interrompeu ela, com ingenuidade excessiva. Isso fê-los rir. A mão direita com ciúmes da esquerda! O coração com ciúmes da alma! De resto, o marido crioulo nunca é ciumento: com ele, a gangrena da paixão foi mirrando por falta de uso.

Entretanto, Robert, dirigindo-se à Sra. Pontellier, continuava a falar da sua antiga paixão desesperada por Madame Ratignolle; de noites sem dormir, de chamas abrasadoras que até o mar faziam ferver quando ele dava o seu mergulho diário. Entretanto, a senhora da agulha pontuava a narrativa com comentários desdenhosos:

— *Blagueur... farceur... gros bête, va!*⁸

Ele nunca assumia este tom sério-cômico quando estava sozinho com a Sra. Pontellier. Ela nunca sabia exatamente como interpretá-lo; naquele momento, era-lhe impossível adivinhar que proporção era brincadeira e quanto era a sério. Tinha falado certamente muitas vezes de amor a Madame Ratignolle sem pensar em ser levado a sério. A Sra. Pontellier estava contente por ele não ter assumido um papel semelhante em relação a ela. Teria sido inaceitável e irritante.

A Sra. Pontellier tinha trazido os seus materiais de desenho, atividade em que às vezes se aventurava como passatempo. Gostava de ir experimentando fazer uns esboços. Sentia com isso uma satisfação que nenhuma outra ocupação lhe proporcionava.

Há muito que desejava desenhar Madame Ratignolle. Nunca a senhora lhe parecera um tema mais tentador do que naquele momento, sentada como uma Madona sensual, com a luz do final do dia a enriquecer o tom esplêndido da sua tez.

Robert atravessou a escada e veio sentar-se no degrau abaixo do da Sra. Pontellier, para poder vê-la trabalhar. Ela manejava os pincéis com um certa facilidade e liberdade, que lhe vinha, não de estar muito familiarizada com eles, mas de uma aptidão natural. Robert observou o seu trabalho com toda a atenção, emitindo pequenas exclamações de apreciação em francês, que dirigia a Madame Ratignolle.

— *Mais ce n'est pas mal! Elle s'y connait, elle a de la force, oui.*⁹

Durante esta sua atenção alheada, descansou uma vez distraidamente a cabeça no braço da Sra. Pontellier. Ela repeliu-o com gentileza. Ele repetiu a ofensa. Ela só podia conceber que fosse um gesto inadvertido; mas isso não era razão para se lhe submeter. Não protestou, mas voltou a repeli-lo, silenciosa mas firmemente. Ele não pediu desculpa. O retrato terminado não tinha nenhuma semelhança com Madame Ratignolle. Esta ficou muito desapontada ao descobrir que não se parecia com ela. Mas era uma peça razoavelmente bela, e em muitos aspetos satisfatória.

A Sra. Pontellier não pensou, evidentemente, assim. Depois de analisar criticamente o esboço, espalhou uma grande mancha de tinta em toda a sua superfície e amachucou o papel entre as mãos.

Os meninos subiram os degraus aos tropeções, com a ama *quadroon* atrás, seguindo-os à distância respeitosa que eles lhe exigiam. A Sra. Pontellier fê-los levar as suas tintas e materiais para dentro de casa. Tentou retê-los para uma pequena conversa e um pouco de brincadeira. Mas eles vinham com propósitos muito sérios. Só tinham vindo investigar o conteúdo da caixa de bombons. Aceitaram sem protestar o que ela escolheu para lhes dar, cada qual esticando as duas mãozinhas gordas em concha, na vã esperança de esta vir a ficar cheia; e depois foram embora.

O Sol estava a pôr-se a ocidente, e a brisa suave e langorosa que vinha do Sul trazia o aroma sedutor do mar. As crianças, vestidas de lavado e cheias de folhos, estavam a reunir-se para as suas brincadeiras sob os carvalhos. As suas vozes eram agudas e penetrantes.

Madame Ratignolle dobrou a costura, guardando o dedal, a tesoura e a linha meticulosamente alinhados no rolo, que fechou com um alfinete. Queixou-se de que estava a sentir-se mal. A Sra. Pontellier foi de imediato buscar água-de-colónia e um leque. Humedeceu o rosto de Madame Ratignolle com colónia, enquanto Robert movia o leque com um vigor desnecessário. O mal-estar passou logo, e a Sra. Pontellier não pôde deixar de pensar se não haveria um pouco de imaginação na sua origem, pois a tonalidade rosada nunca tinha chegado a desvanecer-se do rosto da amiga.

Ela ficou a ver a bela mulher caminhar ao longo das galerias com a graça e a majestade que as rainhas devem por vezes possuir. Os seus pequeninos correram ao encontro dela. Dois deles agarraram-se às suas saias brancas, o terceiro foi retirado do colo da ama e, com mil cuidados, acolhido entre os braços amorosos e acolhedores da mãe. Embora, como todos bem sabiam, o médico a tivesse proibido de levantar nem que fosse um alfinete!

— Vem tomar banho? — perguntou Robert à Sra. Pontellier. Não era tanto uma pergunta como um lembrete.

— Oh, não — respondeu ela, com um tom de indecisão. — Estou cansada; acho que não. — O olhar dela vagueou de rosto dele para a distância, em direção ao golfo, cujo sonoro murmúrio lhe chegava como uma súplica, amorosa mas imperativa.

— Oh, venha! — insistiu ele. — Não deve perder o seu banho. Vá lá. A água deve estar deliciosa; não lhe vai fazer mal. Venha.

Ele estendeu a mão para alcançar o chapéu de palha, largo e áspero, que estava pendurado num cabide do lado de fora da porta, e colocou-lho na cabeça. Desceram os degraus e foram juntos em direção à praia. O sol estava baixo a ocidente e a brisa era suave e morna.

«(...) mas, viesse o que viesse, tinha decidido
que nunca mais pertenceria a ninguém,
a não ser a si mesma.»

Ambientado na Nova Orleães do final do século XIX, *O Despertar* conta a história de Edna Pontellier, uma jovem mulher privilegiada que desafia a sociedade tacanha do Sul dos Estados Unidos e rejeita a vida doméstica e subalterna a que o casamento e a maternidade a condenavam. O trágico, mas heroico, inconformismo de Edna, que se permite explorar os seus desejos e construir uma identidade radicada numa absoluta liberdade moral e erótica, foi considerado, na altura, um texto sórdido e imoral e condenou a sua autora, Kate Chopin, à proscricção.

A crítica social acutilante a que se entrega e a sua inegável natureza revolucionária ditaram que este romance fosse considerado, décadas após a sua publicação original, em 1899, precursor do modernismo americano e um marco da literatura feminista.

P E N G U I N



C L Á S S I C O S

Tradução de Ana Maria Pereirinha
Introdução de Hélia Correia



Após o pôr do Sol, 2018
(óleo sobre tela)
T.S.Harris

©Bridgeman Images

 penguinlivros.pt
   penguinlivros



Penguin
Random House
Grupo Editorial

ISBN 9789897847882



9 789897 847882 >